



< um olhar pelo mundo >

Natureza selvagem

POR CRIS BERGER

Lá fora o céu molha a terra com generosidade. Enquanto o barulhinho da chuva faz o papel de trilha sonora vou lembrando do filme Natureza Selvagem. Na direção está Sean Penn, a fotografia foi assinada por Eric Gautier, mesmo diretor de imagens de Diário de Motocicleta, que repete o primor de relacionar personagem e cenário de forma tão bem-vinda. A história é verídica e inspirou o livro de Jon Krakauer. O roteiro desperta a vontade de colocar uma mochila nas costas e sair a descobrir o mundo. Viajar aumenta os horizontes. Foi isso que o protagonista, Cris Supertramp, fez quando deixou para trás família, amigos e segurança. Ele trilhou em uma viagem rumo a si mesmo onde o ponto final era o Alasca. No meio dela encontrou pessoas que marcaram sua trajetória e o ajudaram a entender que no final das contas a verdadeira felicidade é a compartilhada. O cinema é um contar histórias. Inspirada nisso volto no tempo e vou à África do Sul, ao dia do meu primeiro safári, no maior parque nacional privado com 65 mil hectares, o Kruger. O ineditismo era o principal ingrediente da viagem que adentrava em um novo ecossistema. Lembro que cheguei por volta das 18 horas e o safári noturno já havia começado. Era inverno, a luz caía, rapidamente. Fui levada por um Land Rover suporte ao meu jipe original. Paramos lado a lado e troquei de lugar. Meus companheiros de aventura, na savana, eram uma família francesa. À frente estava Marco Tonoli, o ranger — guia especializado na vida selvagem —, que nos conduziria a conhecer um pouco deste fabuloso mundo.

Marco me olhou, sorriu e começou a fazer uma breve explicação padrão: não sair do Land Rover, não se levantar, não falar alto, não sacudir braços. Conhecendo a natureza dos fotógrafos, Marco sabia que seria um sacrifício cumprir à risca tantos não. E foi. Lentamente, o dia foi dando lugar a noite. **As cores do céu** eram espetaculares: amarelos, rosas e finalmente o vermelho intenso que marcou a imagem que eternamente me lembraria a casa do meu amigo com alma de viajante.

Naquela mesma noite experimentei um jantar ao ar livre, à luz de velas e lâmpões. Em cada cadeira uma mantinha para colocar no colo e se abrigar do frio. Perto das mesas, aquecedores ajudavam a temperatura estar agradável. Sentei junto com os parisienses e Marco. O grupo dos safáris costuma sentar junto na mesa. O inglês falado por uma brasileira, quatro franceses e um sul-africano só podia se fazer entender com a ajuda dos **ótimos vinhos** da uva pinotage, um clássico local.

Assim a noite foi passando sem percebermos. Os outros hóspedes já haviam ido dormir, porque o dia começa cedo para quem faz safári. Bem, nós não conseguimos nos levantar da mesa. A integração era fantástica e aquela noite não teria tido um sabor tão especial se não tivesse sido dividida por **viajantes de carteirinha**. Falamos da beleza de conhecer novos lugares e vi no Marco um homem com o espírito livre, real amor por seu trabalho e total admiração pela vida na selva. Ele não apenas dirige um jipe, ele sabe ver as pegadas

quando ninguém mais consegue, entende o canto dos pássaros, os sons de outros animais anunciando que os predadores se aproximam, o balançar do vento. De tudo o que Marco nos ensinou naquela noite estrelada, o mais marcante foi o respeito que ele tem pela selva e o quanto ela é imprevisível. Quando falamos de natureza não podemos precisar nada. Ali não é uma reserva onde os animais fazem shows para agradar os turistas. **E a vida real** e temos que aceitar quando em um game — nome dado aos safáris — poucos animais





são vistos. Saber apreciar o cheiro da terra, os contornos, as cores e o inusitado é a maior lição que se pode ter.

Dormi plena de mim. Às cinco da manhã duas batidinhas na porta me despertaram para mais um safári, para a chance de avistar os **Big Five** que logo aprendi ser o time formado pelo leão, elefante, rinoceronte, búfalo e o leopardo. Eles são os predadores na maior parte das vezes. Estão no topo da cadeia alimentar. Fazia alguns dias que os leões não eram vistos por estes cantos do Kruger. Havia suspeitas de que uma grande caçada tenha acontecido do outro lado do parque. Por sorte me deparei com uma leoa solitária em plena soneca. O primeiro intuito é de querer se deitar com ela. Depois se deseja que ela acorde e dê um rugido digno de capa da National Geographic. **O que fazer nesta hora?** Nada, apenas cumprir com o pedido do Marco de ficar bem quietinho e respeitar a vida na selva.

Cada dia há dois safáris, um de manhã bem cedinho e outro no entardecer, pois a escuridão ajuda no ato da caça. Os games levam em torno de quatro horas, com direito a café da manhã ou happy hour. Os Lands estacionam perto de uma área descampada e se transformam em pequenos bares de onde saem comes e bebes. Queijinhos, frutas secas, vinhos, cervejas, chás, cafés e doces. Nesta hora podemos confraternizar e exercer o ser viajante que nada mais é do que a troca de experiências e culturas.

Entre um safári e outro você deve fazer como os animais: descansar. Se você estiver hospedado no Sabi Sabi Private Game Reserve, isso será feito com uma dose extra de conforto, bom gosto e serviço personalizado. Salas ao ar livre, uma piscina com espreguiçadeiras e um Spa são alguns dos pontos altos do dia de ócio até chegar a hora de mais uma aventura. Bem, quem gosta de correr ao ar livre vai ter que se satisfazer com uma esteira. **Correr é proibido** no parque por motivos óbvios. Os animais não vão entender que o vício pela endorfina está fazendo você se exercitar, para eles você é uma espécie nova que pode ter um gosto apetitoso.

Na verdade não existe registro de ataque a humanos no Kruger. O homem não corre perigo dentro dos jipes se cumprir a listinha preliminar de segurança. Tudo tem a ver com DNA, não está registrado que o homem faz mal, que ele é o predador. Assim, passamos despercebidos. Bem, as vezes, o Land Rover pode ser usado como armadilha. Marco contou uma situação em que agradei não estar presente: ele viu um grupo de leas chegarem sorrateiramente por detrás do jipe e atacar um bando de antílopes que estavam um pouco à frente. Eu mesma prefiro ficar com a cena das duas girafas do sexo masculino disputando uma fêmea em um entrelaçar de pescoços ou ver elefantes gigantes **bem de pertinho**. Tudo bem em encontrar um leopardo jantando, o duro mesmo é ver um animal ser atacado. Neste caso minha promessa de não fazer barulho ao Marco poderia ser quebrada.

De volta ao bangalô o ideal é encher a banheira, esquecer do mundo por 30 minutos e deixar que as imagens do dia surjam, suavemente. Em um mergulho na selva africana **existe mais do que a vida selvagem** a conhecer, há pessoas cativantes e inesquecíveis, como o Sr. Tonoli, de quem me despedi com os olhos cheios de lágrima e um forte abraço.



Cris Berger é repórter de viagem e corredora, sim, isso mesmo, Cris nunca deixa o seu par de tênis em casa. Passa a vida a desbravar os continentes. Entre uma corrida e outra sempre dá um jeito de descobrir novos vinhos e lugares imperdíveis.

rw